

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA – PROPGPEC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PSICOMOTORA

PALESTRA DA AULA INAUGURAL

A importância do Curso de Pós-Graduação em Educação Psicomotora na Formação profissional da Educação Básica.

O ser humano está na essência da estrutura social e da educação, e este é estimulado a produzir para si e para a sociedade, de forma cada vez mais eficiente, mesmo sob uma contradição nessa estrutura caracterizada por duas situações: a **conservação** e a **transformação**. Por isso, precisamos dar conta da resistência natural entre ideias mais retrógradas e as ditas contemporâneas.

A sociedade e a educação brasileira estiveram desde o Império, até este momento, submetidas a esta contradição e também, segundo Ribeiro (2007) submetidas aos elementos mediadores (**quantidade x qualidade**) para a solução desta contradição.

Segundo alguns autores como o próprio Ribeiro (2007), Xavier (2003) e Bonamino (2003), inicialmente a formação da sociedade brasileira sofreu forte influência do Estado português e da Igreja católica, seguindo valores da cultura clássica européia, afastando-se do mundo rural e patriarcal, mas sob a ordem e a disciplina, características na doutrina católica. Caracterizava-se por uma educação subordinada a interesses político-partidários, com demandas a interferência da Igreja católica.

Em 1948, surge a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) colocando em lados opostos os centralizadores e os autonomistas. A disputa pela organização do ensino fica entre as funções da família, da Igreja e do Estado, eixos do conflito entre o público e o privado. Assinada em 20/12/1961 pelo Presidente João Goulart, esta LDB permitiu a descentralização administrativa e didático-pedagógico do sistema nacional de ensino, mas através das bolsas de estudo, mantidas pelo estado, expandiu os negócios com o ensino.

Esta situação, de certa forma, desequilibrou e continua desequilibrando sensivelmente as duas situações da contradição

apontadas no início de minha fala, pois amadureceu a ideia de que a educação é um negócio.

A política educacional pós-1964 organizou-se para profissionalizar o ensino médio, popularizar o acesso ao ensino superior e aprimorar a mão de obra mais adequada precocemente. Porém no ensino privado essa profissionalização era superficial e o que se enfatizava era o ensino preparatório ao vestibular.

Podemos observar então há quanto tempo a **Psicomotricidade** enfrenta dificuldades em seu processo de implementação dos seus fundamentos, pois investe em um sujeito que vive sob a tutela da disciplina pela disciplina, da ordem pela ordem, numa perspectiva comportamentalista.

O processo de abertura política iniciado em 1974 (Geisel) até 1985 (Figueiredo) ativou movimentos sociais em prol da restauração dos direitos democráticos. A Psicomotricidade surgiu exatamente neste final de movimento com a Sociedade Brasileira de Terapia Psicomotora.

A partir da Constituição de 1988, o Estado dá literal autonomia à família e à sociedade, num disfarce de delegação de poderes as sociedades comerciais e religiosas.

A nova LDB (Lei n. 9.394/96) considerou apenas o ensino fundamental como obrigatório e justificado pelo governo como sendo a lei do possível, dependente dos recursos possíveis pelo estado e adequada às diferentes situações da educação nacional. Segundo Bonamino (2003) a LDB concorre para o fortalecimento do poder regulatório que o governo federal passou a exercer em todos os níveis educacionais, pela via da avaliação e das reformas curriculares, quando foi criado o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério), que estimulava estados e municípios às atribuições de gestão da educação através de uma descentralização administrativa e financeira do ensino fundamental, colocando a União num processo de controle da educação nacional pela avaliação.

Nessa perspectiva de novas formas de parceria entre a União, os Estados e os Municípios, surgem as ONGs que se proliferaram, captando recursos públicos das brechas deixadas pela atuação do estado em áreas

de políticas sociais e de serviços públicos em geral. A opção por política de parcerias camufla potencial estímulo à ampliação da participação de diversos setores sociais no processo de construção da democracia e da justiça social com sentido universal.

Todas essas movimentações podem esclarecer plenamente onde se encontravam e ainda hoje se encontram os interesses públicos e privados no panorama atual da educação brasileira, ou melhor, como o processo de evolução de grande parte da população brasileira sofre para se organizar, desenvolver, evoluir.

Se para os alunos a situação sempre foi esta, como podemos imaginar a situação dos docentes e demais funcionários da educação sob este prisma?

A partir da década de 90, Surgem propostas da Psicomotricidade que invadem os Centros Clínicos e as Universidades, em Cursos de Pós-graduação e um Curso de Graduação, único no Brasil, aqui no Estado do Rio de Janeiro, incentivando a formação continuada, a supervisão à escola e ao profissional individualmente, e muitas outras alternativas, na tentativa de esclarecer tanto alunos, suas famílias e os profissionais, sobre suas reais posições, possibilidades e alternativas profissionais e pessoais.

Este é o quadro do campo de maior atuação da Educação Psicomotora no Brasil, isso justifica o que Lapierre havia dito em 1984 quanto a Psicomotricidade ser subversiva na escola, pois ela subverte a lógica cartesiana de aprendizagem e estruturação de um sujeito, construída ao longo desses anos nos modelos pedagógicos escolares.

Os primeiros indícios da Psicomotricidade no Brasil datam de 1950, que segundo Morizot (1985) tratam de alguns profissionais ligados às áreas da deficiência, que começam a valorizar o corpo e o movimento, como elementos coadjuvantes em formas diversificadas de reabilitação, ainda que a terminologia “Psicomotricidade”, não fosse mencionada.

Lapierre (1985) afirmava que os conflitos são inerentes à vida, à oposição entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. Certas crianças os elaboram menos mal do que outras e constroem uma personalidade menos patológica. Isso depende de seu ambiente familiar, mas também do ambiente social.

A escola é um dos elementos mais importantes deste ambiente social. Ela não pode continuar a iludir sua responsabilidade neste domínio. A Educação no sentido amplo do termo não consiste apenas em fazer adquirir conhecimentos, ela deve também se preocupar com a formação da personalidade nos seus aspectos mais profundos.

Concordando com LEVIN, posso dizer que no processo educativo quando tratamos o aluno como um **selvagem**, o afastamos dos encontros, pois acreditamos que nele nada habita. Quando tratamos o aluno como um **estrangeiro**, o desejamos, pois acreditamos que ele tem algo a nos contar de outro mundo. O aluno selvagem não nos faz curiosos, pois seus mistérios são os nossos, os quais não queremos saber. Se esse aluno for bom, o adoraremos em silêncio, mas se for mau, tentaremos vencê-lo para rapidamente ignorá-lo.

Vemos hoje, muitas pessoas que não sabem lidar com espaços de prazer durante a vida, vivem num mundo cartesiano, onde a arte, a ludicidade e o prazer são ínfimos, não desejados ou pensados. Isso também é aprendido.

Há nas pessoas um estímulo ao narcisismo desde muito cedo, ameaçando o que é comunitário, compartilhável. O individualismo cresce assustadoramente. A criança tem seu quarto, sua tv, seu laptop, etc.

A educação como uma nova etapa na vida de um ser humano, não deveria, por conseguinte, formar um aluno e sim um sujeito, assim como o jogo deveria se preocupar em formar a moral de um sujeito e não de um atleta apenas.

Por outro lado, cada vez mais, desde sua origem, esse outro não tem sido o mesmo. Em nossa civilização ocidental, cada vez mais os pais deixam de exercer a unificação dos fragmentos corporais dos nossos bebês. A mãe cuidadora está deixando de existir e assumindo o papel de mantenedora. Com isso, como ela não pode se doar ao filho como gostaria, pois não dispõe mais desse tempo, ela compra tudo para esse filho, tentando suprir esse cuidado que não existe mais.

Isso acontece hoje, na maioria de nossas famílias. Essas ações criam novas formas de subjetivação, tanto para um menino, quanto para uma menina.

Vivemos um novo mito: o Virtual. Enquanto você está virtual, você não é. Você só é quando aparece, mas ao aparecer não pode correr o risco de ser deletado, este é o perigo do virtual, ser deletado.

O ser humano é um ser que tem que aparecer, as pessoas hoje querem aparecer a qualquer custo. Segundo Le Breton (2003) o corpo da realidade virtual é incorpóreo, ele é o lugar onde o mundo é questionado.

Todas essas cenas, esses comportamentos, são objeto de estudo e articulação da Psicomotricidade, que através da Educação Psicomotora, intervém na escola, nos docentes, no aluno diretamente e em suas famílias, indiretamente, procurando organizar esses sujeitos, fazendo com que compreendam seus papéis, seus comportamentos e suas relações, nessas cenas, resignificando o EU, o OUTRO e o OBJETO.

No nascimento de um filho, quando ele não corresponde ao que foi antecipado pelos pais, não é reconhecido nessa filiação, questiona a função parental de tal forma que a própria genealogia é questionada, assim como o domínio familiar e a herança simbólica gerada por esse filho.

Será que o aluno esperado pelo professor quando não corresponde ao que foi antecipado por este, é **reconhecido nesta docência**? Será que este aluno da mesma forma, questiona a função do professor em educar? Como unificar fragmentos de um corpo não reconhecido? Como o ensino acontece a um aluno não reconhecido pelo professor? Será que os professores sabem com que sujeito lidam? Qual o lugar e a função que o professor ocupa diante do aluno?

Nesse momento podemos dizer que a saúde psicomotora se resume em retirar a deficiência, a dificuldade, a desorganização, da passividade na qual este sujeito foi colocado ou visto pelo outro. Estando no mesmo lugar, este sujeito só poderá reproduzir sempre a mesma coisa.

Levin (2005) nos diz: “Lutamos para gerar sentidos cênicos e para que o destino não seja o órgão ou a síndrome, mas o trânsito realizado pela infância”. A criança precisa ter organizado seu espaço corporal enquanto referencia primária para que no espaço que ela viva, organize seu espaço gráfico. Isso interfere não apenas na escrita, mas também na leitura.

Para Lapierre (2004) o Psicomotricista necessita: 1º) Compreender o que está vivendo o sujeito e de ajudá-lo a experimentá-lo entrando em seu jogo e, 2º) Dominar sua própria implicação para não projetar seus próprios conflitos utilizando o sujeito para sua própria terapia. Ele ainda afirma que o sucesso escolar e intelectual não é necessariamente uma prova de saúde mental.

O fato da descentralização dos processos educativos nas dificuldades, distúrbios, deficiências, etc, para uma atuação baseada nas possibilidades de saúde psicomotora, evidencia as influências positivas da Psicomotricidade desde a década de 1980, na educação brasileira.

Isto é caracterizado pelo número bem superior de artigos, poster's e temas livres, voltados para a Educação Psicomotora, apresentados nos onze congressos realizados até 2013 pela Associação Brasileira de Psicomotricidade.

Segundo Vieira (2004) podemos dizer que pouco a pouco esta nova profissão está conquistando espaço e reconhecimento, rompendo barreiras, atendendo necessidades e encontrando apoio de escolas públicas e privadas, desejosas de oferecerem aos seus alunos, mais que conhecimento, informações e programas engessados, e sim, um diferencial baseado na escuta destes corpos em movimento, destes seres humanos em transformação: aprendizes das relações, do desejo, da vida que é sua, que se faz presente na escola, que está intrinsecamente mergulhada numa comunicação autêntica.

Podemos concluir então, que a Educação Psicomotora vem contribuir significativamente na mudança do olhar do professor e da escola em direção ao sujeito matriculado em suas instituições, ampliando as visões puramente cognitivas desse trânsito letivo-pedagógico, fazendo refletir sobre os processos de inclusão a que todos, hoje, deveriam ser submetidos, pois, na maioria das vezes, parafraseando FREIRE, também seus corpos deveriam ser matriculados.

Sonho em realizar uma Educação Psicomotora que invista em uma nova vida sem a presença cega dos medos e menos valias e sim numa exaltação à energia individual que todos nós temos, iluminando um caminho possível de um novo sujeito, em um novo mundo.